A Figura Feminina no Clube Musical 31 de Agosto

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO MÚSICA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS E PRÁTICAS NA PRODUÇÃO SONORA DE MULHERES

Vanessa Nogueira Lobo
UEPA - vanenogueira18@gmail.com

Adrienne Cavalcante
UEPA - adrienne.cavalcante17@gmail.com

Tainá Façanha[i]
UFPA - magalhaesfacanha@gmail.com

Resumo: Este artigo trata de um estudo de caso, no qual foram realizadas entrevistas com integrantes da Banda 31 de Agosto. O principal objetivo *foi compreender a presença da figura feminina no contexto musical da Banda 31 de Agosto*. As lentes teóricas usadas para análise dos dados foram, essencialmente, os Estudos de Gênero relacionados à Música, a Educação Musical em interface com a perspectiva da Diversidade e as publicações sobre a Banda 31 de Agosto. Os principais resultados apontam que os aspectos socioculturais e educacionais na banda são moldados diretamente por meio da relação sociomusicais entre os músicos, determinando e legitimando estereótipos musicais que determinam, por exemplo, a definição de instrumentos musicais que seriam "mais adequados" para mulheres e homens.

Palavras-chave: Banda 31 de Agosto. Música e Gênero. Prática Musical. Vigia-PA.

The Female Figure in the Musical Club August 31

Abstract: This paper consists of a bibliographical and qualitative research, in which interviews were carried out with members of Band 31 de Agosto. The main objective was to understand the presence of the female figure in the musical context of Band 31 de Agosto. The theoretical lenses used to analyze the data were, essentially, the Gender Studies related to Music, Musical Education in interface with the perspective of Diversity and the publications about Band 31 of August. The main results point out that the sociocultural and educational aspects of the band are directly shaped by the sociomusical relationship between musicians, determining and legitimizing musical stereotypes that determine, for example, the definition of musical instruments that would be "more appropriate" for women and men.

Keywords: Female figure in the band 31 de Agosto. Music and gender. Music practice. Vigia-PA.

1. Introdução

O Clube musical 31 de agosto formou-se a partir da decadência de duas bandas antes existentes, sendo elas "Sebo de Holanda" e "07 de Setembro", com a iniciativa do monsenhor Mâncio Caetano Ribeiro que reuniu os músicos das duas bandas falidas, com o nome homenageando a data da adesão de Vigia à Independência do Brasil, sugerido pelo Dr.

Francisco de Moura Palha, inaugurado pelos mesmos no dia 26 de Dezembro de 1876. (SOEIRO, 1991, p.36)

Ao longo de sua existência nunca interrompeu suas atividades culturais, realizou diversos desfiles e concertos no município de Vigia e em outros municípios do Estado, dentre os mais recentes, destaca-se o concerto realizado nos 400 anos da cidade de Vigia, o concerto no Teatro Gasômetro em outubro de 2016 e o concerto realizado em 2017 no V Festival de Música das Américas.

Hoje é uma das bandas mais antigas em atividades no estado do Pará, com 142 anos e cerca de 180 integrantes, distribuídos entre músicos, alunos, professores e diretores do Clube, tendo a faixa etária de seus componentes de 08 a 18 anos. A banda hoje não forma apenas músicos, mais pessoas que aprendem na prática o respeito ao próximo, a assiduidade no trabalho sócio-musical e a serem pessoas comprometidas com a sociedade. Segundo Bruno Palheta:

> É indescritível este sentimento de pertencimento e identidade que os sujeitos da banda manifestam em seus discursos. De outro lado, a Banda 31 de Agosto enquanto sociedade musical oferece, por intermédio de práticas de ensino e sociabilidade, a seus membros e ouvintes um meio democrático de acesso a uma herança reatualizada de diferentes momentos históricos deste tipo de formação instrumental. (PALHETA, 2017).

A escola de música do Clube Musical 31 de Agosto oferece aos alunos aulas de: arranjo e composição, história da música, teoria musical, flauta doce e instrumentos musicais de sopro e percussão. Além disso, também possui grupos de estudos e de apresentações como: quartetos, quintetos, banda de desfile (com cerca de 80 a 85 músicos) e banda de concerto (Banda Sinfônica com 60 músicos). Atualmente, tem como diretor artístico e presidente o músico Rômulo Ferreira Rodrigues. O Clube é patrimônio histórico e cultural da cidade de Vigia e vem contribuindo para educação, lazer e cultura.

A partir deste contexto, buscou-se compreender a presença da figura feminina no contexto musical da Banda 31 de Agosto. Para tanto, foram entrevistadas três musicistas mulheres integrantes da banda, duas alunas e uma professora (uma clarinetista, uma saxofonista e trombonista).

Por meio deste trabalho, configura-se o perfil da figura feminina no clube musical 31 de Agosto, evidenciando a sua importância na formação musical e educacional, para assim, retratar o essencialismo do feminino no âmbito sociocultural. No entanto, visamos constituir a relação histórica das mulheres pertencentes ao Clube Musical, relacionando suas lutas consistentes na conquista da emancipação no ensino-aprendizagem musical.

2. Relação de gênero no contexto sociocultural, educacional e musical

Os estudos feministas e de gênero, resultados dos movimentos de liberação feminina dos anos de 1960, incorporam-se à musicologia apenas no começo do ano de 1990, o que pode ser um motivo indicador do atraso da musicologia em relação aos avanços das áreas de humanidades e ciências sociais.

Contudo, é expressivo o número de pesquisadoras que têm se engajado na construção de escopo teórico sobre gênero e feminista no Brasil, a exemplo temos os trabalhos referências de Laila Rosa (2008) e com o projeto "*Feminaria Musical ou epistemologias feministas em música no Brasil"*(2012-2019), Isabel Nogueira (2017;2018) com o projeto de pesquisa *"mulheres compositoras de porto alegre: acessibilidade e divulgação da produção*" e Jorgete Lago (2017) com a tese falando sobre as mestras da cultura, para citar algumas. Assim como o grupo ações efetivas para discussão sobre o tema a partir de simpósio temático iniciado em 2018 na ANPPOM, em sua segunda edição este ano de 2019.

Nesse direcionamento, contudo, percebemos que em áreas fundamentais como a Educação Musical, essa discussão ainda é rara. Assim, para combater feminícios[ii], precisamos urgentemente:

> problematizar essa realidade e a buscar estratégias que reajam fortemente aos epistemicídios musicais que marcaram a trajetória da música no país e que, ao estabelecer profundas mortes de conhecimentos, saberes e simbolismos, também corroboram para a consolidação e a permanência de grandes males que adoecem a humanidade: racismo, xenofobia, machismo, homofobia, miséria, fome, falta de moradia, entre outros. (QUEIROZ, 2017, p. 100)

O contexto de gênero a qual se perpassa a relação entre o feminino e masculino, repassa ao âmbito sócio-musical baseado em todo o contexto histórico em que a música se apresenta, o conceito de estereótipo presente relacionando o homem o "único ser capaz" de consolidar e expressar a música ou quaisquer outras atividades, tornando a figura feminina "incapaz" dentro da perspectiva musical.

É muito comum se ouvir falar da inexistência ou, ao menos, da irrelevância da mulher no cenário da composição musical, da regência, da instrumentalização (evidenciando a mulher como sexo frágil a determinados instrumentos, como: trombone, trompete, etc.), entre outros aspectos musicais.

Em evidência sobre o grande avanço nas diversas áreas do conhecimento, os estudos sobre as relações de gênero mostram que a sociedade ainda não explora de forma

igualitária o tema em seus mais variados aspectos, consolidando o meio musical durante séculos como um privilegio aos homens. De acordo com Mello:

> O papel da mulher, sob o prisma de diferentes áreas do conhecimento, tem sido sistematicamente revisto nos últimos vinte anos, compondo um campo de estudos que se passou a conhecer por "estudos feministas". O universo musical, tanto no que concerne à produção quanto aos estudos sobre estas produções, tem sido, por longo tempo, uma prerrogativa masculina. (MELLO, 2005)

Sabe-se que o sistema das relações de gênero está ligado às atribuições sociais de papéis, poder e prestígio, sendo sustentado por ampla rede de metáforas e práticas culturais associadas ao masculino ou ao feminino. De acordo com Mello:

> O medo levantado por Seeger era de que a musicologia fosse associada à posição que a mulher ocupava (e ainda ocupa em muitas áreas) na "vida real", ou seja, inferior, sem poder, caracterizada pela emocionalidade, sensualidade, frivolidade, todas as características que há muito estão ligadas ao próprio objeto da musicologia, a música. (MELLO, 2005)

Essa discussão em torno do papel da figura feminina associado ao campo da música e da instrumentalização atual, nesse sentido, como uma necessidade que envolve a questão de gênero, objetiva-se na principal desconstrução de certas formulações de relações de gênero.

Levando em consideração que a aprendizagem é o resultado das relações contidas no intrínseco ato de ensinar e do compromisso com o aprender (SHRAM e CARVALH0, 2013), essas relações que são exercidas dentro das escolas podem incluir a manifestação das práticas que são designadas para cada aluno de acordo com seu gênero, logo, pode se construir uma aprendizagem baseada em tais manifestações.

No que tange a importância do Clube Musical 31 de Agosto em um contexto sociocultural e educacional, afirma-se a transmissão dos papéis sociais associados ao gênero, ou seja, como uma mulher e um homem devem agir perante essa cultura específica e seus modos no ensino-aprendizagem da música. Conforme Gonçalves Junior e Ramos:

> O conceito de gênero explicita o ser mulher e o ser homem como uma construção histórico-social, tendo em vista o que é estabelecido em termos de papéis sociais para estes indivíduos. Levando o conceito de gênero como histórica e socialmente construído e a escola como espaço no qual reflete o fazer, é importante que na escola seja discutido, de acordo com nossa cultura, quais os valores e códigos de gênero são impostos pela sociedade e, consequentemente, transmitidos pela escola. (JUNIOR; RAMOS, 2005).

A educação musical é um caminho pelo qual a questão de gênero pode ser questionada e discutida, principalmente, nas aulas de música. No entanto, compreendendo a necessidade de uma educação que abranja os diferentes "universos" de uma cultura

educacional e musical que perceba de que forma a mulher é representada e elucidada na música.

3. A figura feminina no clube musical 31 de agosto

O Clube Musical 31 de Agosto desenvolve ensino-aprendizagem da música em contexto de banda de música. Por meio da observação, percebemos que a mulheres exercem papel fundamental na banda como musicistas. Contudo, destacamos, que apesar de mais de 100 anos de existência, apenas atualmente uma mulher ocupa um lugar de professora na escola de música da banda e, que ainda hoje, não houve nenhuma mulher regente. Nesse sentido, somamos nossa reflexão ao pensamento de Cusick quando diz que:

> Destronar a "música em si" é um dos objetivos de uma musicologia feminista, visto que cultuá-la significaria cultuar a imagem da masculinidade. Para ela, este destronamento representaria uma ameaça a mais profunda crença das democracias capitalistas ocidentais: a ideia de indivíduo liberal, aquele que se vê como livre para escolher o que quiser, quando quiser. (CUSICK, 2001, p. 494).

Todos os relatos das musicistas contextualizaram um processo de preconceito por parte da sociedade, arraigado ao estereótipo de que mulher só poderiam tocar instrumentos delicados e que não deliberem força. Destacamos isso, por meio da fala de umas das entrevistadas que narra que:

> *Eu queria tocar saxofone, mas em uma conversa com a professora de musicalização experimentei o trombone, gostei muito do som e o escolhi. Mas, sofri preconceito – tanto de professores de outras instituições e como colegas de outras bandas – com brincadeiras pejorativas e desrespeitosas do tipo: "toca trombone porque gosta de segurar na vara". (Ludiele dos Santos Silva, em outubro de 2018)*

No trabalho que a instituição pesquisada desenvolve evidenciamos que não um estereótipo que distingue que homens e mulheres na escolha do instrumento, percebemos que há mulheres tocando trombone e trompete, mas nem sempre foi assim:

> *Quando eu estudava na classe de musicalização, comentei com um professor de língua portuguesa, que era musicista na banda na época, que queria tocar clarinete. E ele disse que eu conseguiria tocar no máximo uma flauta transversal, pois – segundo ele – não iria ter "força" para tirar som do instrumento. Mas, mesmo assim, escolhi o clarinete. E hoje? Estou tocando como primeiro clarinete na banda! (Ludimila dos Santos Silva, em outubro de 2018)*

Hellen Carla elucida a real situação de estereótipo e de exclusão que a instituição perpetuava na época quando diz: "Tinha algo que me incomodava na banda. Eu gostava das aulas, mas me inquietava a situação de desigualdade e, por vezes assédio com as meninas que iniciavam na prática da Banda que lá existia". Ou seja, a trajetória do papel feminino na

música dentro do Clube Musical perpassou aspectos de desigualdade, ao entrar uma mulher na instituição ocorriam casos de "assédio" acarretando incômodos em ocupar espaço predominantemente masculino, o que [des]motivou a saída de algumas musicistas e a pouca presença da figura feminina.

Nesse sentido, predominava o preconceito e desrespeito em relação à representação das mulheres na instituição, o que impedia o crescimento musical e profissional feminino. Além disso, o prejulgamento em relação a escolha instrumental prejudicou o desenvolvimento no aspecto educacional, musical e sociocultural, contextualizando a mulher como um sexo "frágil" para instrumentos até então considerados de caráter masculino, como o trombone, trompete, ou seja, mulher deveria tocar apenas flauta transversal.

Em 2013, inicia o processo de transição musical, educacional e sociocultural na instituição com a nova diretoria, projeto que visou o espaço feminino na música e a relação de respeito e igualdade nos âmbitos musicais e instrumentais. Houve, principalmente, nesse período ações pedagógicas para desconstruir esse estereótipo de que apenas o homem se concretizaria músico ou tocaria determinado instrumento intitulado, impregnado pela sociedade e seu pensamento machista em relação ao aspecto musical.

À vista disso, a mulher no Clube Musical 31 de Agosto, ocupa importante papel na instituição, sendo na sua representação na luta pelo espaço conquistado dentro de um contexto sócio-musical, educacional e cultural. Consolidando, efetivamente, transição histórica no início dos anos 2008 com a entrada da primeira professora da Clube Musical 31 de Agosto.

A presença das mulheres elucidou o trabalho de ensino-aprendizagem musical que é desenvolvido no Clube, uma perspectiva de igualdade e valorização ao papel feminino na música e a relevância de sua essência. A figura feminina no Clube perpassou por muitas transições. Hoje, se encontra no quadro de professores apenas homens, porém, no âmbito de alunos destacam-se muitas mulheres, sendo maioria.

Hoje notamos que a figura da mulher no Clube Musical é outro, vislumbrando novas perspectivas quanto sua atuação. O papel idealizador de conquista que enraíza seus princípios na vida musical. A prática musical tem efeitos positivos no desenvolvimento das musicistas, conceituando a igualdade recorrente no ensino-aprendizagem da música. Mas, é mais que urgente que essas mulheres sejam protagonistas em espaços ainda ocupado apenas por homens, como o caso da regência da banda.

Outra questão consolida-se da própria família, quando se trata de preconceito e discriminação instrumental, muitos pais não aceitam a escolha dos filhos, como exemplo, uma aluna não seguiu em frente na vida musical por seus pais não aceitarem seu instrumento, o trombone. E, também, por um estereótipo que a atuação profissional de mulheres não é boa para a visão que essas mulheres possam ter dentro do contexto social no qual vivem.

Em outros aspectos, a desistência da música incorpora outras escolhas na vida, algumas mulheres do Clube Musical buscaram outras áreas de conhecimentos e estudos, deixando por si a vida e história no contexto sócio-musical. Apesar de todos esses fatores, o Clube se encontra resistente ao preconceito e discriminação do feminino gerado e constituído por muito tempo dentro da música.

Considerações Finais

A relação do feminino e a música, de acordo com as entrevistas que foram feitas, refletem uma imagem significativa e importante da figura feminina dentro do Clube, que busca elucidar a mulher como um objeto de representação musical, já que a mesma, dentro da banda, tem-se como maioria.

Dentro de um aspecto histórico-social, a mulher obteve um processo de construção no Clube Musical, constituído a partir da iniciativa do atual regente da banda Rômulo Ferreira Rodrigues, que teve como iniciativa buscar uma professora de musicalização para assim mudar a realidade da banda, que ressaltado pelo mesmo era tido como “muito militar”.

Os principais resultados apontam que os aspectos socioculturais e educacionais na banda são moldados diretamente por meio da relação sociomusicais entre os músicos, determinando e legitimando estereótipos musicais que determinam, por exemplo, a definição de instrumentos musicais que seriam “mais adequados” para mulheres e homens.

Apesar desses aspectos já apresentarem certas mudanças, há ainda um *habitus* que permeia os discursos musicais e didáticos presentes no contexto da banda. Ainda, apesar de necessitar de uma pesquisa mais ampla sobre os registros musicográficos, pode-se perceber a pouca permanência e profissionalização das mulheres instrumentistas que participaram da banda.

Sendo, por vezes, uma prática cultural das famílias solicitarem que, em determinada idade alcançada pelas moças, deixem de participar da banda. Há, uma grande, exportação de músicos da cidade de Vigia para outros centros urbanos e contextos musicais,

mas ainda é escasso o número de mulheres que advém desse contexto vivenciarem este movimento.

No mais, observa-se que mesmo que muitas mulheres não cheguem a prosseguir na carreira musical ou tocarem determinados instrumentos, a presença feminina é uma realidade constante na banda, demarcando expressivamente a construção desta prática musical. Por fim, evidencia-se que estudos e pesquisas mais aprofundadas se fazem necessárias para uma compreensão mais densa desse contexto.

Referências

LAGO, Jorgete Maria Portal. *Mestras da cultura popular em Belém-PA.* Narrativas de vida, ativismos culturais e protagonismos musicais. 267f. il. 2017. Tese (Doutorado) – Escola de Música. Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, 2017.

MELLO, Maria Ignez Cruz. *Relações de gênero e musicologia*: reflexões para uma análise do contexto brasileiro. 2004

NOGUEIRA, ISABEL; MELLO NEIVA, TANIA. *Mujeres en la música experimental y colectivos feministas en estudios sonoros en Brasil.* ESCENA. Revista de las artes, v. 78, p. 98-124, 2018.

Nogueira, Isabel Porto. *Lugar de fala, lugar de escuta*: Criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas. REVISTA VÓRTEX, v. 5, p. 1-20, 2017.

PAGES, Tamiê; WILLE, Regiana Blank. *Educação Musical e Gênero:* um estudo a partir do olhar de adolescentes sobre as mulheres. 2017.

PALHETA, Bruno Daniel Monteiro. *Clube musical 31 de Agosto:* perfil de uma banda de música paraense a partir de seus contextos histórico, sociocultural e educacional / Bruno Daniel Monteiro Palheta. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Artes *(PGARTESP),* Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. *Formação intercultural em música***:** perspectivas para uma pedagogia do conflito e a erradicação de epistemicídios musicais. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 23, n. 45, p. 99-124, jan/jun. 2017

ROSA, Laila; LAGO, Jorgete; SOBRAL, Rebeca, ARAÚJO, Ítalo; LIMA, Cristiane, CARVALHO, Ellen; CARDOSO, Laura; AMARAL, Maiara, ALCÂNTARA, Neila. *Rompendo com os silenciamentos:* cantando gênero, Raça e sexualidade na produção de conhecimento sobre Mulheres e música no Brasil. In. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, Bahia, 2014.

ROSA, Laila. *Reflexões sobre feminismo em música: saindo do? genérico? para avaliar sons, ações e possibilidades*. In: Anais do XIV Simpósio baiano de pesquisadoras (es) sobre mulher e relações de gênero e ii Seminário Nacional? o Feminismo no Brasil, reflexões teóricas e perspectivas, 2008. Salvador: NEIM/UFBA, 2008. p. 79-100.

Notas

[i] Bolsista de Doutorado da CAPES no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

[ii] Feminicídio é um termo que "deve englobar todo e qualquer assassinato de mulheres", abrangendo inclusive, fazendo gancho com a perspectiva dos epistemicídios, a matança de saberes, valores e significados (SEGATO, 2006, p. 2, tradução minha). (QUEIROZ, 2017, p. 110)